

DIFICULDADES E PERSPECTIVAS DA PRÁTICA DE AGRICULTURA URBANA NO ESTADO DE SÃO PAULO: agricultores de Campinas¹

Orlando Batista dos Santos²

Neste depoimento contarei um pouco sobre a minha vivência com hortas urbanas em Campinas apontando os aspectos positivos desta experiência, os desafios e as perspectivas futuras para a agricultura urbana.

Já na década de 1970, eu cultivava, adotando, no entanto, técnica de manejo tradicional, mas ao longo do tempo minha visão mudou, ao começar a participar das hortas urbanas e sobretudo com o curso de nutrição que estou terminando neste ano; essa vivência me permitiu entender a importância da nutrição e da alimentação.

Em Campinas, a primeira horta comunitária surgiu em 1983, no Parque dos Eucaliptos onde está situado um condomínio residencial em uma área aberta de 7.000 m² e até hoje é ativa, atendendo a 25 famílias. Esta horta não tem fins comerciais, a produção é voltada para consumo próprio e o excedente é doado a amigos, parentes ou famílias em situação de vulnerabilidade nutricional.

Em 2004, o morador do bairro Parque Itajaí VI, senhor João Novais, começou a cultivar hortaliças como forma de terapia ocupacional, enquanto estava afastado do trabalho por motivos de saúde. No princípio, as pessoas que passavam perto da área não acreditavam que era possível cultivar naquele solo arenoso achando que o senhor João era “louco”, mas jogando capim conseguiu restaurar o solo, tornando-o cultivável. Em seguida, outros moradores seguiram o seu exemplo, iniciando a formação do grupo de produtores de forma espontânea, culminando com o reconhecimento do poder público municipal.

Em 2010 foi instituída a Associação Cio da Terra incluindo o grupo de produtores urbanos. A formalização da associação permitiu a captação de recursos e a criação de parceria com a Prefeitura, por meio das secretarias municipais de Trabalho e Renda, Cidadania, Assistência e Inclusão Social e das Centrais de Abastecimento S.A. (CEASA) e do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). A Unicamp organizou também curso de manejo agroecológico.

A vivência com hortas ajuda a entender o que envolve a produção do alimento e permite entender primeiro a questão do alimento em relação à origem e segundo, a questão da segurança alimentar. Consumir alimentos de alto valor nutricional isentos de agroquímicos os colocam em posição privilegiada do ponto de vista da segurança alimentar e nutricional e inquestionáveis são os impactos positivos na saúde dos horticultores. Diferentes são os efeitos positivos, muitos, alguns dos quais também inesperados no começo do projeto. Além disso, existem outros efeitos positivos relacionados com inclusão social e cidadania; educação e sustentabilidade ambiental, economia e saúde. A inclusão e a cidadania são garantidas pela sociabilidade entre os participantes. De início formado por um núcleo de familiares, amigos e conhecidos reunidos em função de uma liderança, num segundo momento, ganhou a adesão e o envolvimento de outras pessoas da comunidade do entorno que se aproximaram para pegar muda e fazer sua horta em casa ou na própria chácara.

¹A transcrição foi realizada por Giulia Giacché e Lya Cynthia Porto de Oliveira. Registrado no CCTC, IE-14/2015.

²Produtor (e-mail: orlandobatista@yahoo.com.br).

Inesperada foi a expansão e a integração da comunidade do entorno com um efeito multiplicador de boas práticas. Outro aspecto muito importante é o papel que tem a horta com a educação dos próprio agricultores e dos outros cidadãos e o cuidado com o meio ambiente. O cultivo agroecológico consentiu também a prevenção de ameaças ao meio ambiente, inibindo a deposição de lixo e entulhos em terrenos baldios, áreas livres e mesmo de preservação ambiental, prática muito frequente em todos os bairros. O manejo agroecológico promove a consciência ambiental dos participantes, uma vez que a relação harmoniosa com o meio ambiente é o principal requisito para o reconhecimento de um produto efetivamente saudável e natural. Isso posto, cada participante torna-se sujeito ativo e consciente defensor da integridade do meio ambiente e de práticas ecologicamente corretas, também por reconhecer sua importância em relação à saúde da coletividade. As hortas são abertas a visitas das escolas, organizadas pelos professores, que mostram interesse nessas iniciativas. O contato das crianças com a atividade agrícola é importante porque a crescente urbanização promove o afastamento das pessoas do contato com a terra. Saber de onde vem os alimentos, como são cultivados e conhecer as pessoas envolvidas no cultivo é parte essencial da educação básica escolar. O interesse e mesmo o encanto das crianças no contato com as plantas, que lhes servirão de alimentos, ficam muito evidentes por ocasião dessas visitas educativas.

Tem importância econômica também através da venda dos produtos. A principal clientela é a vizinhança; a relação de clientela se transforma em relação de amizade, contribuindo para a integração e o reforço dos laços sociais, tendo como ponto de encontro o espaço da produção. Desse projeto da Agricultura Urbana (AU), além da questão de renda, é para a família, a comunidade envolvida, fazendo uso daquilo que é produzido, de forma segura. Eu acredito que é isso que valoriza esses tipos de projetos.

Por enquanto, existem problemas que precisam ser enfrentados, entre os quais o roubo da produção, que ocorre muito, principalmente, de dependente químico.

Então precisaria ter um cercamento; para funcionar um projeto de agricultura urbana não é suficiente ter um espaço e pessoas para cultivar. Vários desafios precisam ser enfrentados na parte da produção e se ter condições mínimas para garantir a atividade. Um desafio é o uso dos fertilizantes, porque as pessoas foram estimuladas a não fazer uso e uma oficina permanente de biofertilizante, com a produção do chorume e do composto misturado também com a cinza, é feito na horta comunitária.

Para garantir a permanência desse tipo de projeto seria necessário um incentivo; o valor desse tipo de programa, independente do dinheiro ganho, consente garantir saúde, resgatar práticas, ensinar as novas gerações a não perder isso de vista. Isso pode fazer em qualquer espaço, mas precisa oferecer condições, legislação, com base legal adequada.

A associação foi criada, na perspectiva de avançar no debate com o poder público que poderia melhorar. A prefeitura de Campinas tem legislação que não consegue avançar porque enfrenta dificuldade na atuação da regulamentação e maior condição, visão e crítica. Então, há bastante tempo que eu acompanho as AUs, e participo do debate, mas não se encontrou ainda a forma para se trabalhar isso. Será que nós queremos, ou é o setor público? Será que uma associação pode criar um mecanismo de acreditação de boas práticas enquanto não ocorre a certificação?

Precisa se discutir e se confrontar para achar soluções e ações.

Muito obrigado!

Recebido em 08/04/2015. Liberado para publicação em 25/05/2015.